

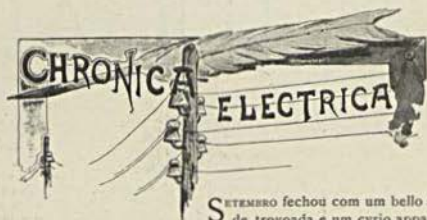
BRASIL-PORTUGAL

1 DE OUTUBRO DE 1900

N.º 41



O preto de Ceylão



SETEMBRO fechou com um bello sol de trovoadá e um cyrio apparatuso que, percorrendo todo o nosso pequenino littoral, de Belem a Cascaes, poz em alvoroço os banhistas das praias do norte.

— Cyrio civil ou religioso? E' difficil a resposta. Estas festas populares são um mixto de sentimentos em que se mistura a um tempo a adoração pela Imagem que se transporta e pelo Deus Baccho que se venera. Conservam o pittoresco da tradição na cavalgada que os segue, nas quadras que os anjos espalham ao vento, no luar em que o sacerdote se transporta. E este cyrio de hontem tornou-se ainda notavel pela feição aristocratica que tomou, sendo recebido na villa elegante, em Cascaes, praia da élite, bahia official onde se banham pessoas reaes e pessoas de distincção, ministros, marquezas, conselheiros e futuras condessinhas, por tudo quanto de chic existe na sociedade portugueza e indo esperal-o ao limite do conchelo o mais alto *maire* de Portugal, uma especie de marquez de Pombal de Cascaes, o incançavel sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, com os seus collegas da verreação.

Concordem que para um cyrio que se presa já é uma posição bonita.

Esse cyrio conservou em festa durante todo um domingo os povos que residem da Ajuda a Cascaes. Estalaram foguetes, vibraram clarins, illuminaram palacetes, e ao fim da noute, ainda em honra de Nossa Senhora do Cabo, queimaram-se morteiros multicores — um delirio de festa que reunia na mesma devoção clero, nobreza e povo, — na mesma devoção da Santa, boa e carinhosa á qual a tradição reservou uma vida bohemica, de aldeia em aldeia, até que ao fim de um quarto de século volta a visitar terras conhecidas.

Eis o ideal dos festeiros — um quarto de século de caminhar errante...

E se este cyrio do Cabo deu a Portugal certa importancia interna, o cyrio de Kruger deu-nos incontestavel notoriedade no exterior. E elle lá vai, a estas horas, n'uma peregrinação forçada da Africa até á Hollanda, ao estalar das zombaias inglezas, soberano destornado, soldado vencido, velho triste mas glorioso em todo o caso, porque é sempre uma gloria defender palmo a palmo a liberdade do seu povo, e a integridade da sua patria.

Quando esse valente velho se cobriu no seu exilio de emigrado com a bandeira portugueza, a Europa estremeceu e troçou talvez, receiosa, a um tempo, da sorte d'esse chefe de Estado, decahido, e da attitude d'este pequenino povo tão injustamente calumniado, mas a verdade apparece sempre ao cimo d'agua e Portugal, ha dois dias, por occasião do anniversario dos seus Reis recebia ao mesmo tempo as homenagens dos vencedores e dos vencidos, n'uma grata manifestação de estima e de respeito.

Os invasores de Pretoria saudam a bandeira portugueza, e formam os seus exercitos em homenagem ao Rei de Portugal; o refugiado do Transvaal endereça ao chefe d'esta nação saudações eguaes, agradecendo-lhe reconhecido a sua protecção e o seu auxilio, e uns e o outro, vencedores e vencido testemunham por essa fórma, deante da Europa toda, que os sége com curiosidade no desdobrar de acontecimentos graves, o seu reconhecimento pela correcção e lealdade nunca desmentida da nação aliada e da nação vizinha.

Gritem muito embora os invejosos, calunnien os maus, intriguem os maldizentes, que tudo isso cabe em face da verdade dos factos, e o facto é que ao fim de uma lucta verdadeiramente heroica entre um pequenino povo que defende a sua terra e um exercito valente e

disciplinado que segue a sua bandeira, lucta cheia de perigos para ambos e de gravidade para nós — cuja situação na Africa, fronteira da pequena Republica se tornava n'um dado momento ameaçadora e triste — Portugal tem direito a receber o reconhecimento e a gratidão de ambos.

Quando por habito e por feito — habito e feito detestaveis — se gasta o tempo a maldizer o que é nosso, avolumando tão levaniamente os *partis-pris* do estrangeiro, grato será relembrar que Portugal deu incontestavelmente ao mundo civilizado uma verdadeira lição com o seu proceder tão correcto e tão digno. Mais do que isso, ensinou-lhe tambem como em menos de uma semana se organisa uma expedição militar tão importante como a que partiu ha dias para Moçambique, a reforçar a guarnição da provincia e manter em Africa o prestigio da nossa bandeira. É em frente dos officiaes d'esse exercito pacifico mas altivo, que os inglezes desfilam n'uma homenagem tocante, é ainda nas mãos d'esses mesmos officiaes que os boers entregam as suas gloriosas armas de combate, companheiras de tanta angustia e de tanta alegria, n'esses vaes-vens da sorte em pleno campo de batalha, quando o dia de amanhã é tão incerto como o momento presente, e quando o Ideal querido pôde de um instante para outro rolar aos pés, envolto na poeira do solo e na poeira das balas!

N'essa guerra, hoje transformada quasi em simples combate de guerrilhas, houve alguma cousa de epico. O resultado todos o previam; ninguém ousava duvidar das consequencias, e no entanto que exemplo extraordinario de amor patrio deram ao mundo esses apaixonados boers pelejando pela santa causa da liberdade — a maior de todas as causas para um povo! E se para as nações, o sentimento deve ceder sempre o logar á conveniencia, nós os portuguezes podemos sentir alivio com a victoria da Inglaterra mas não podemos deixar no entanto, de tributar veneração á valentia e á coragem dos transvaalios.

Caminho da Europa vem Kruger; Lord Roberts está senhor de Pretoria, e Portugal diante das novas posições tomadas pelos dois belligerantes tem sobretudo a pensar e muito seriamente, que é lindo ter possessões no Ultramar, que é esplendido ter tropa disciplinada para mandar para lá de quando em quando, que é admiravel o reconhecimento e o elogio da Europa, mas que melhor do que tudo isso, porque tem resultados mais efficazes e mais praticos, é de uma vez por todas cuidarmos a serio de desenvolver essa Africa enorme que é nossa, mas que para ficar nossa como é, tem de ser tratada com muito carinho e muito disvelo.

Brasil-Portugal

P. S. — Wenceslau de Moraes, o brilhante official da nossa armada, que na China ha muitos annos, sabe conciliar em os seus deveres officiaes, as horas que consagra á sua prosa rutila, começa hoje a honrar com a sua collaboração o *Brasil-Portugal*. Damos adiante como verdadeira perola uma nova manifestação do seu espirito que continuará a brilhar em numeros subseqüentes d'esta Revista.

Eça de Queiroz

Os panegyristas da sua obra e os censores da sua carcassa

Com este titulo publicaremos no proximo numero um artigo firmado pelo nosso collaborador Arnaldo Fonseca.

Um encontro em Paris

(O dialecto indo-portuguez de Ceilão)

LEMBRAR-SE, meu caro Jayme Victor? Foi no pavilhão de Ceilão, em Paris. Em companhia de Magalhães Lima e de Xavier de Carvalho, saboreávamos uma chavena de perfumado chá indiano, que nos fôra oferecida pela illustre escriptora polaca, M.^{me} Cheliga. Em volta da nossa mesa perpassavam, como sombras evocadas d'uma pagina do Râmâyana, as figuras mudas, quasi hieraticas dos singhaleses, de tez acobreada, de feições correctissimas, com as cabeças artisticamente penteadas com a *jutá*, e tocado predilecto que usa o deus Siva. Estavamos em pleno Oriente, e sem esforço de imaginação, naturalmente, por simples suggestão do *meio*, víamos-nos transportados á Lanká das lendas sanskriticas, povoada pelas phantasticas creaturas cantadas por Valmiki...

De repente, recorda-se? alguém nos disse, que entre aquelles asiaticos, um havia que fallava portuguez, não portuguez (!) aprendido pelo acaso de qualquer viagem ou convivencia, mas fallado como sua propria lingua materna — esse portuguez de Ceilão, que é perante o mundo civilizado o attestado mais significativo do que foi e do que valeu a nossa conquista do Oriente, aliás politicamente tão ephemera.

A investigação immediata da informação foi desde logo por nós considerada como compensando bem o sacrificio de ter de renunciar a uma nova chavena da preciosa bebida, que a amabilidade da mais sympathica das escriptoras feministas nos havia proporcionado. Principiou a busca pelo interrogatorio de cada um dos singhaleses, que iamos encontrando.

Todos invariavelmente nos respondiam em inglez mais ou menos estropeado, e as necessidades da conquista britannica lhes impõe, que era certo encontrar-se entre elles um que fallava portuguez. Ao cabo de algum tempo de minuciosas pesquisas, que já começavam a intrigar os outros visitantes, bem longe de certo das nossas preoccupações linguisticas, lá fomos dar com o *homem* no segundo andar do pavilhão, que servia de museu dos productos indigenas. Ao principio recebeu-nos desconfiado, sem perceber bem o que d'alle pretendiamos; mas logo que lhe explicamos que eramos *compatriotas*, e que fallávamos *tambem* portuguez, — como de resto desde logo lh'o demonstrámos dirigindo-nos a elle n'esta lingua — o rosto de-anuviou-se-lhe, como por encanto, e na mais feia das caras — podemos dizel-o sem favor — vimos immediatamente brilhar o mais bello e amavel dos sorrisos.

As primeiras palavras, que lhe dissemos, exigindo a resposta em portuguez, o nosso interlocutor hesitou, mostrando dificuldade em se exprimir n'esta lingua, por motivo, affirmava elle, de a não fallar havia muito tempo. Mas pouco a pouco, suggestionado pelas nossas incessantes perguntas, e quem sabe tambem se por algumas moedas que lhe fomos passando para amenizar o dialogo, que nos dominios exclusivos da pura philologia não poderia interessar-o extremamente, principiou a tornar-se communicativo, a ponto de, passado algum tempo, e devendo nós dar por finda a entrevista, ser elle quem por seu turno instava para continuar a conversa, que de facto só consentio em interromper com a promessa formal da nossa compresencia no dia seguinte para recommear-a. Era de vêr a alegria, verdadeiramente infantil, com que elle, a piscar os seus olhos espartos de dravida, aos saltos, como se fôra uma criança, apesar dos seus cabelos brancos, repetia, agarrando-nos as mãos e apertando-nol-as de contentamento, as palavras e as phrases que em portuguez lhe iam successivamente lembrando. Pôde até dizer-se que era com verdadeiro orgulho que elle, um subdito do poderoso imperio da India, se vangloriava de fallar portuguez e de poder escrever diante do seu nome o *Don* honorifico, que inda hoje lá em terras de Ceilão attesta o prestigio dos antigos conquistadores da perola do Oceano indico. Com effeito o *nosso homem* chamava-se *D. João Lalendra* e mais outro appellido indigena o qual, pelo arresvado não cahia muito bem em ouvidos europeos, e que por isso o não transcrevo aqui. O primeiro nome pronunciava-o elle *Don Juañ*, com o *jóta*, porem, á portuguesa e não á espanhola.

A proposito do tal *don*, que elle filiava em antigos servicos prestados a Portugal pelo avô, recebendo-o este ultimo como recompensa, contou-nos toda a historia da familia, a situação dos seus, e o que mais nos interessava, a extensão da lingua portugueza na parte da ilha que elle habitava e que porisso melhor conhecia. Emfim, foi uma sabbatina linguistica, improvisada em pleno Trocadero.

Mas afinal o que é e o que vale o portuguez de Ceilão, por varias vezes mencionado n'este artigo? O portuguez de Ceilão é um dos numerosos creoulos, originados pelo contacto da nossa lingua com as diferentes linguas indigenas da Africa e da Asia, nos sitios onde outrora exercemos dominio. Assim, encontram-se esses

creoulos espalhados mais ou menos por todos os pontos, que marcam na carta os limites da area da nossa influencia, desde as ilhas do Cabo Verde, onde se falla um interessante creoulo portuguez, até ao extremo Oriente, onde o macaista *cerrado* é igualmente um creoulo. Os creoulos não são mistura de linguas, como em tempos se suppoz, mas evoluções organicas de algumas linguas europeas, — entre ellas e acima de todas do portuguez — desviadas da sua transformação regular e normal pelo contacto com diversos fallares indigenas, e ainda pela acção por ora não mui bem explicada de um clima diferente, e tambem pela circumstancia, não completamente até hoje esclarecida, de terem de ser falladas por individuos de outra raça, e portanto de distincta acomodação linguistica.

Os creoulos constituem curioso estudo não sómente philologico, mas psychologico e ethnographico tambem. Quem quizer só este ponto de vista conhecel-os mais circumstanciadamente consulte: *Os dialectos romances ou neolatinos na Africa, Asia e America*, do Sr. Adolpho Coelho; *O creoulo de Cabo Verde*, dos Srs. Botelho da Costa e Custodio José Duarte; *os Apontamentos para a grammatica do creoulo que se falla na ilha de S. Thiago de Cabo Verde*; os artigos do Sr. J. F. Marques Pereira sobre o creoulo macaista, publicados no *Revista* de S. R. Dalgado intitulada *Dialecto indo-portuguez de Ceilão*; e ainda os trabalhos em allemão de Hugo Schuchardt: *Kreolische Studien* e em italiano de E. Teza: *Indo-portugueses*.

A importancia, porém, dos creoulos portuguezes não é simplesmente linguistica e ethnographic. O seu valor historico e a alta significação politica que teem, para o conhecimento exacto da força de expansão e assimiladora da raça portugueza, a ninguém terão passado despercebidos.

O que representa, com effeito, historicamente um creoulo? Representa o mesmo que anthropologicamente um cruzamento. Só as raças de grande vitalidade physiologica dão origem a metizes, quer dizer, a productos que significam a fusão dos dois elementos ethnicos que se encontram em presença; assim como tambem só os povos de grande intensidade de vida historica conseguem perpetuar em outras regiões as suas linguas nacionaes por meio de creoulos, que ficam sendo no dominio moral, o que na ordem physica são por exemplo, na nossa Africa os mulatos — isto é, o testemunho eloquente da forte impressão que entre populações inferiores em cultura deixa uma raça civilizada e forte.

E sob este aspecto nenhuma o é mais do que a portugueza. Percorram-se as colonias de todas as outras nações europeas, e em nenhuma d'ellas se encontrará a quantidade de individuos cruzados, que se encontra nas nossas. Não ha prejuizo de casta ou repugnancia de côr, capazes de conter a prolifica expansão do portuguez, que em toda a parte onde chega mistura o seu sangue com o sangue indigena, na fecunda exuberancia de uma virilidade sem rival. E com o sangue lá vai deixando o idioma por todas essas terras d'alem-mar, como para attestar a vindouros que pôde Portugal ter tido os peores governos possiveis a dirigir-lhe a politica, que nem assim conseguiu toda a mediocridade dos dirigentes destruir as fortes qualidades da sua robusta população.

Valem porisso mais para o realce da nossa missão historica os creoulos portuguezes da Africa e da Asia, — sentinellas perdidas do vasto imperio, que a nossa impericia, e até certo ponto a fatalidade das cousas deixou sosobrar, do que todas as fortalezas que possedessemos ter deixado de pé n'essas longinquas paragens.

O portuguez de Ceilão ou o *portuguez baixo*, assim chamado em contraposição com o *portuguez alto* ou a lingua pura da metropole, é o idioma que se constituiu na ilha em seguida á nossa conquista nos principios do seculo xv. Não é o unico creoulo portuguez-indiano que existe, pois se conhecem outros, como o de Cochim, o de Mangalor, o de Dio, etc. Representa, porém, na India o ramo de maior vitalidade e de mais completa evolução d'esta especie de dialectos. E que a vitalidade do indo-portuguez de Ceilão foi sempre extraordinaria, dil-o o facto bem eloquente de ter triumphantemente resistido a todas as perseguicoes que os hollandezes lhe moveram, desde que em 1598 a ilha cahiu em poder d'elles.

Por mais de um seculo contra elle empregaram os novos conquistadores toda a casta de oppressão, pois para os hollandezes, o exterminio da lingua portugueza significava o estabelecimento incontestado do seu proprio predomínio. Os esforços, porém, foram baldados; e emquanto do flamengo dominar desapareceram na ilha os mais insignificantes vestigios, o indo-portuguez continuou ali a florescer, não só como dialecto fallado, mais ainda como idioma litterario, em que se publicam obras de varios generos, tanto de assumpto religioso como profano. Ainda hoje, só em Ceilão, é fallado como lingua materna por mais de 50.000 individuos, além de o aprenderem para fins commerciaes muito maior numero e ser mesmo mais ou menos entendido em todas as costas da India.

(*) Vide gravura na primeira pagina d'este numero.

O FUNERAL DE EÇA DE QUEIROZ

O INVERNO EM LONDRES

És ahí o inverno. Já todos os dias o encontro, e, agora mesmo, lhe ouço fóra na rua, sob a nevea tristonha d'este fim d'outubro, a voz dolente e vaga: não é o velho semi-Deus de attributos mythologicos, com a barba em flocos de neve sobre o manto branco da neve, soprando nos dedos, e o classico feixe de lenha a tiracollo: é um rapazão enfurcado de casquete e chicote em punho, que vai conduzindo uma carroça negra com um forte *porcheros* aos varas, pelo macadã já endurecido da geada, e soltando, de porta em porta, o seu pregão melancolico: *Coals! coals!* (carvão! carvão!)

Estão, pois, findos os dias purpureados do lindo outono inglez! Nada iguala o encanto suavizador e meigo dos meados de outubro, n'estes condados do Sul. Um passeio, ao meio da tarde, nas pittorescas margens do Severn, ou ainda ao longo do Avon, riba que a memoria de Shakespeare torna quasi sagrada, ou pelas colinas amáveis de Surrey, é o mais bello, o mais util repouso que póde ter o espirito sobrecitado, cansado dos livros, ou do duro movimento da vida.

Tem-se aqui alguma cousa d'aquella "paz etherea", que os poetas pagãos sonhavam nas perspectivas ineffaveis dos Elyseus: sómente a natureza particular do Norte, as linhas de architectura saxonia, o ar-



O ministro da marinha embarcando no seu escalor acompanhado pelos representantes da familia real, para ir em a bordo do Africa



O escalor do ministro da marinha



O vapor do arsenal conduzindo a urna funeraria ladeada pelos membros da comissão de jornalistas



Os consules dirigindo-se para o Arsenal A direita, o consul do Brazil em Portugal, o sr. Vieira da Silva, e o penultimo da esquerda, o novo consul portuguez no Rio de Janeiro, o sr. João Salgado



Grupos esperando no Terreiro do Paço, o desembarque da urna funeraria



O consul geral de Portugal no Rio de Janeiro conversando no Terreiro do Paço



O carro funerario



A chegada da urna funeraria



O desfilir



O arco da Rua Augusta, ornado de croques



Uma coroa

ranjo das culturas, dão a feição romantica e elegiaca que falta a paisagem latina.

Caminha-se n'uma luz ligeira, de um doutrado triste, de um enternecimento quasi magoado: o verde das relvas sem fim que se pisam, verde repousado e adormecido, sob as grandes ramagens das arvores seculares e aristocraticas, solemne, isoladas, immoveis n'um recolhimento religioso, leva a alma insensivelmente para alguma cousa de muito alto, e de muito puro: ha um silencio de uma extraordinaria limpidez, como por sobre as nuvens, um silencio que não existe na paisagem dos climas quentes, onde o labor incessante das seivas muito forte parece fazer um vago rumorido, um silencio que pouca no espirito com a influencia de uma caricia, e a cada momento são fundos encantadores de paisagem, de um vaporizado azul, com alguma torre d'Abbadie coberta de heras, que surge d'entre robles, ou uma rica avenida de parque, onde se entevêm vestidos claros correndo sobre as relvas, ou a historica architectura de um castello, de bandeira feudal na torre, que de repente apparece n'uma elevação, com os seus terraços de marmore escuro, os grandes prados onde pastam ou repousam os animaes de luxo, os faiscaes meandros do rio entre a verdura e sons tristes de trompa, vindo da profundidade dos arvoresos...

D'aqui a dias, porém, por collina e valle, só haverá a triste nevoa calmosa que dura mezes, ou a neve remoinhando ao vento...

Esta monotonia que começa escura dos campos desde novembro, vai causar este anno uma innovação excellente nos costumes sociaes da Inglaterra. Vai haver de dezembro a maio uma estação de inverno, em Londres.

Como sabem Londres só é habitado desde os começos de maio até aos primeiros dias quentes de agosto. O resto do anno, Londres é a cahida Palmyra, e a tenebrosa planície do deserto de Petra. Ficam lá, é verdade, entre tres e quatro milhoes da humanidade: mas é uma humanidade subalterna, feita de barro villão, sem valor social em Inglaterra: é a humanidade que não tem castellos, nem parques de tres leguas, nem o seu nome no Livro d'Ouro nem hiates de luxo para bordejar nas costas da Escocia; é a humanidade que não tem nas arterias o famoso *sanguis normandus*, esse sangue invejado, mais precioso que o de Christo, cantado por todos os poetas da corte, e que foi importado pelos brutamontes cobertos de ferro, e pellidos como feras, que acompanhavam a estas ilhas Guilherme de Normandia. E' emfim a humanidade que Carlos Stuart, o Bem-amado, chamava a *caullia*, e que o grão sacerdote da BULLA HELICA, do pobre Offenbach, designava com tanto criterio, pelo nome de *vil multidão*: é o trabalhador, o artefice, o artista, o professor, o philosopho, o operario, o romancista, tudo que pensa, cria e produz.

E' esta fresca ralé que fica em Londres:

de modo que apenas a humanidade superior, os dez mil de cima, como aqui tão pittorescamente se diz, partem para os seus castellos, as suas villas á beira mar, ou os seus hiates. — Londres, apenas habitado pela turba abjecta, torna-se, sobre a face da terra, como a lamentavel Caecilias. Nenhum

gentleman que se respeite e queira manter o seu bom nome social ousaria confessar que esteve em Londres em janeiro: correria o risco de ser tomado por um tendeiro, ou peor, por um philosopho, um poeta, um d'esses seres rastejantes, vis como o lixo, sem castello e sem matilha de cães, que nenhuma *Lady* quereria ter no seu 'frol de visita.

Se um *gentleman*, tendo negocios instantes em Londres, seus mesmo, é forçado a vir ao deserto de plebeus, guarda um *incognito* severo; não chegará talvez a pôr barbas posticas; mas só se arrisca pelas ruas, no fundo escuro de um coupé com as *stores* descaidas, e o paletot rebuçando-lhe a face. Todavia uma aventura tão poderosa poucos a ousam!

Pois bem, tudo isto se vai reformar! E este anno serão moda passear em Piccadilly, ou florear de rosa ao peito em Pall-Mall, em pleno janeiro, na espessura dos nevoeiros. Esta re-



A' entrada do cemitério do Alto de N. João



O jazigo onde repousam os restos mortaes do grande romancista



Chegada do carro funerario à porta do cemitério — O tirar das cores

solução consideravel foi, como todas as fecundas resoluções, tramada, pregada, popularisada pelas mulheres.

Havia longos annos que estes arjos soffriam com impaciencia a melancolla da vida do campo, durante o longo inverno Saxonio. Ainda, nos primeiros mezes, depois de deixar as glorias de Londres e os esplendores da *season*, a existencia era toleravel. Havia

as regatas elegantes de Cowes; ia-se estar uma semana á ilha de Wight; depois vinham as festas da abertura da caça; seguia-se a época dos hiates, as viagens ás costas da Noruega, ás Hebridas, ás praias elegantes da Normandia; depois, quando a corte está na Escocia, vinha a caça do veado, os bailes de *gillies* das montanhas... Emfim, vivia-se.

Mas, com a chegada de dezembro, da neve, uma formidavel lei social, a *Fushion*, obrigava os *dez mil de cima* a recolher-se aos seus castellos, á solidão do campo. E ahí começava para as damas o tédio memoravel!

Quando se não tem um *chateau* e parque como os de Inglaterra, pôde parecer um sonho de paraíso o viver n'essas faustosas residencias, entre maravilhas de arte, accumuladas por gerações, com mobílias de duzentos contos, um serviço de sessenta criados, vinte cavallos na cocheira e um parque de tres leguas, um parque de romance para passear sobre a neve dura quando o céu brilha claro. Mas a desgraçada dama, desde o seu primeiro dente, acostumada a tantos esplendores, já lhes não encontra encanto; a simples corida, n'um velho fiacre de Londres, de loja em loja, é-lhe cem vezes mais doce.

Depois, a vida de castello é de um vasio pardo e triste-nho. Os homens, esses de manhã tem a caça, os galopes furiosos, devorando prados, saltando sebes, ah! de uma raposa espavorida ao grito barbaro de *Holly hé!* Depois a noite, tomado o banho e vestida a casaca, tem o grog forte no *junoir*. Mas as desgraçadas damas? Todas bebem grog — mas raras são as que caçam. O dia é-lhes lugubre. Uma burgueza, em Inglaterra, tem sempre uma occupação, mesmo nas existencias ricas; borda, pinta em porcelana, faz camizas para os pequenos atagonios, ensina a ler os filhos dos cazeiros, escreve as suas memorias ou corresponde-se com um theólogo sobre pontos difficeis de doutrina. Mas uma dama das *dez mil* não faz nada; os seus grandes talentos, a toilette, a graça de receber, a intriga politica, o brilhante de conversação, o *chic* esthetico, cousas em que prima, não lhe servem no isolamento relativo do castello, sob as torrentes da chuva. O seu palco natural é o salão de Londres. Alli no campo, nas longas galerias, onde pendem as bandeiras que os seus antepassados tomaram em Azincourt ou Poitiers, ou, se os avósinhos nunca invadiram a França, as



A capella do cemitério



A' beira da sepultura — Os discursos

bandeiras compradas no antiquário da esquina, *Milady* boceja; ou estendida n'um sofá, no seu robe-de-chambre de brocado branco de Genova, com uma novella cahida no regaço, olha os flocos de neve empoados em grandes carvalhos do parque...

Depois vem a noite. O pior. Os homens que fizeram talvez cinco leguas de galope atrás das raposas, ou que se estiveram adestrando em jogos athleticos, têm sono. De Gardenia na casaca e perola negra na camisa, estendidos para o fundo do sofá, derradeiros, meio adormecidos pelo nocturno do Chopin que um anjo louro preidiosa ao fundo da sala, são tão inúteis para a *flirtation*, o espirito, a intriga, o amor, como se fossem empalhados.

Debalde as pobres damas fizeram uma toilette de duzentas libras; debalde respaldecem, ás mil luzes de cêra, os seus hombros de Deusas. De nada vale. O *gentleman* ancia por deixar a sala, ir reconfortar-se com o seu *brandy and soda*, estirar aquelles membros que a raposa cançou, em lençoes bem perfumados e bem *bassinsés*, e ressonar forte.

Esta situação era intoleravel.

E os homens mesmo soffriam. Galopar n'um cavallo de preço sobre a terra dura da neve, ao ladar da matilha, por uma manhã de brisa fria — tem encantos. Mas pôde-se isso comparar á delicia de ir tagarellar para o *club*, ter todas as noites tres ou quatro bailes, fazer phrases sobre a questão do Oriente, e ceiar com Miss Fanny, n'um quente *hondoir* de velludo, enquanto fóra a plebe patinha na lama de Londres! Não, não se pôde comparar.

E por isso veio o momento psychologico, como diz esse illustre homem de prosa, o sr. de Bismark, em que *ladies* e *lords* concordaram que o inverno no campo era bom para os lobos; e que para pares de Inglaterra, Londres era preferivel. E ahí está como se vai ter esta cousa inesperada na vida ingleza — o *inverno de Londres*.

E todavia, Deus sabe que elle não é agradável, esse inverno de Londres! De manhã, ao acordar tem se diante da janella uma sombra opaca, espessa, parda, arripiadora e sinistra: é necessario fazer a barba, com o gaz flamejando; almoça-se com todas as velas do candelabro acesas, e a carruagem que nos conduz é precedida de um archote. Ao meio dia esta decoração de inverno muda; a sombra perde o tom pardo e por gradações odiosas ganha um amarello de cêa e começa a exalar um vapor fétido. Respira-se mal, a roupa toma um pegajoso humido sobre a pelle, os edificios que nos cercam apparecem como as bolhas vagas e chimericas das cidades malditas do Apocalypse, e o estrondo de Londres, este rude, tremendo estrepito que deve lá em cima incommodar a corte do ceu, adquire uma tonalidade surda e roncante como um fragor n'um subterraneo.

Depois, á noite, outra mudança: toda esta sombra, esta nevoeiro grosso, molle, gorduroso, desfaz-se em chuva... Em chuva, digo eu? Em lama, em lama mal liquida, que escorre, pinga! vem badada de um ceu negro.

O gaz parece côr de sangue; como todo o mundo, para combater esta nevoa gelante e mortal, bebe forte e bebe seguido, ha nas ruas um vago vapor de alcohol, que passa nos halitos: isto excita, irrita, impelle a turba ao vicio. O ruido intoleravel das ruas, a pressa da multidão violenta, o rude planejar das vitrines são uma

aceleração brutal ao sangue, uma vibração quasi dolorosa aos nervos; pensa-se com intensidade, caminha-se com impeto, deseja-se com furor; a besta humana inflamma-se; quer-se alguma cousa de forte e de animal, a lucta, o excesso, a gula, o abraçado do *cognac*, a paixão, Londres, n'uma noite de inverno, exhala violencia e crime. E pode se afirmar que em cada uma das typolias, que, aos milhares e aos milhares, passam como flexas, com um relampejar rubro de lanternas, vai um cidadão ou uma cidadã commettendo ou preparando-se para commetter, com excepção da preguiça, um dos sete peccados mortaes.

De uma cousa se pôde ter a certeza, é que não ha de faltar aos que vão fazer o seu inverno a Londres, *assumpo de cervos*. Além dos livros que se annunciam, dos escandalos que não hão de faltar, das modas que sempre se inventam, a politica, só por si, é todo um ramalhete; revolta certa na Irlanda; processo por alta traição aos chefes da *Liga da Terra*, deputados da Irlanda; nova guerra no Afghanistan, onde Caboul se insurreccionou; toda a Africa do Sul em rebellião; complicações sinistras do lado do Oriente; desintelligencias estridentes entre os Radicaes no poder... Esmfim, um encanto.

Era em circumstancias identicas que o famoso Granville, o homem das *Memorias*, olhando n'um começo de primavera para todos os lados do horizonte politico e social, e não vendo (em 1830) senão presagios negros de revolta, guerra, crises, e perigos para a patria, dizia, banhado em jubilo, quasi em extasi:

— Meu Deus, que deliciosas noites se vão passar no Club!

EQÇA DE QUEIROZ.

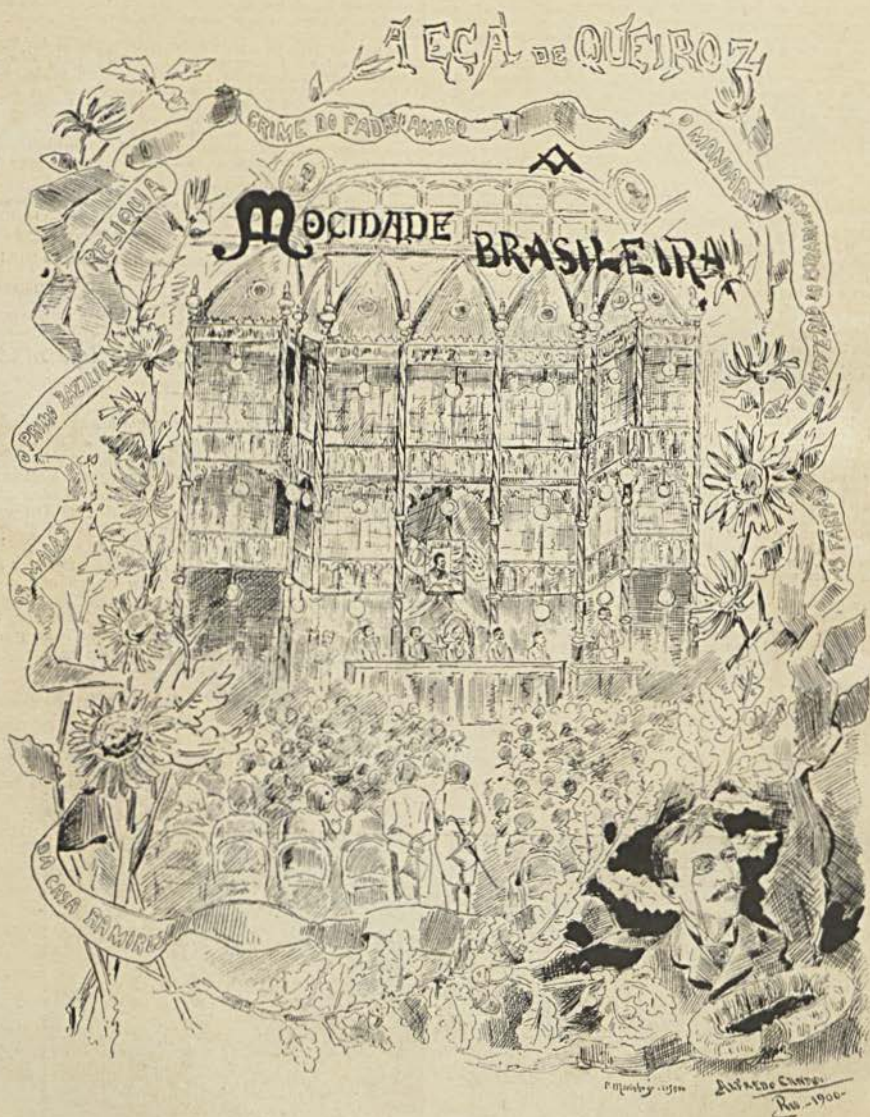
O funeral de Eça de Queiroz

Excepcional manifestação de sympathia e de saudade não só pelo talento mas também pelo caracter do grande escriptor morto, do mais poderoso observador e do mais fino humorista, que contou a litteratura portugueza d'este seculo, foi a que a melhor sociedade de Lisboa prestou no dia 16 do mez passado aos restos mortaes de Eça de Queiroz.

Trechos do grandioso funeral colhidos em flagrante pela objectiva de Arnaldo Fonseca, illustram hoje esta Revista, que sejam quaes forem as opiniões dos seus collaboradores, que n'estas paginas tem campo aberto para apreciarem a individualidade do autor do Crime do Padre Amaro, considera hoje como sempre a sua obra como das mais intensas e luminosas que podem honrar n'uma epocha litteraria a intellectualidade de uma raça.



Os tres filhos do sr. conselheiro Camêlo Lampreia
Novo ministro de Portugal no Rio de Janeiro



A festa da noite de 27 de Agosto de 1900, promovida pelos estudantes de direito no Gabinete Portuguez de Leitura, em homenagem a Eça de Queiroz.— («Croquis» d' Alfredo Candido).



NOTAS e BRASILEIRAS QUINZEANA



Para os espiritos reflectidos e sinceros não ha duvida de que a arte das classes superiores é sempre incapaz de se tornar em arte d'um povo inteiro, dil-o Tolstoi, e com toda a verdade. O enterro de Eça de Queiroz acaba de se provar mais uma vez. Passou o cadaver por entre alas de curiosos apens, sem que se notasse a mais ligeira vibração de affecto ou de saudade. Pelo contrario, o tom geral era mais festivo que fúnebre.

O dia estava lindo, mas de sol muito quente; e o grande numero de leques de côres garridas, agitando-se por entre as filias que orlavam os passeios das ruas, dava um aspecto alegre ao povo, que esperava o cortejo fúnebre, como poderia esperar o cirio da Atalaya, a procissão da Sade, ou carruagens que se dirigissem para uma batata de flores. Os proprios candieiros da iluminação publica, que estavam accesos, e que, dissera-se, deveriam ser envolvidos em crepes, appareceram, ou por economia, ou por mau gosto, só com um laço d'este tecido, o que fazia nascer a phantasia patasca de que os tinham posto de gravata ao pescoço! De quando em quando estalavam enfiadas de gargalhadinhas n'este e n'aquelle rancho de meninas espavetadas; os homens da agua berravam os seus pregoes: *Eh! copo d'agua tem fresca!* — os policias, de luvas brancas, como em dias de grande gala, com modos carinhosos e olhares abreiros, faziam recuar mólhos de modas, que armavam barrigas nos pelotões de povo, cortados pelas ruas transversas. Trocavam-se sorrisos; uma vez e outra d'um grupo de rapazes rompia a troça a figuras comicas, que atravessavam a rua — uma velha de chapéu á banda, um janota feio á pressa, um jarreta de enorme penante; havia adeusinhos repenidos das Gonçalves, infiltrações á janella do alfayate do mano, para as Gomes, que, de frente, se desafiavam a comer fava torrada e pevides, empoleiradas n'um banco; que o Baptista, retrozeiro indeciso entre namorar a mais nova ou a mais velha, collocar á porta, e lhe permittia rogar a cabeça, cheia de pomada, pelas saias das duas, a ver qual d'ellas lhe assegurava mais fortes columnas em que viesse a assentar a sua felicidade. Ao desembocar do fim da rua um magote de populares aos encontrões, ouvia-se entre susurro de ansiedade: — Lá vem! Lá vem! E todos estendiam a cabeça, procuravam romper para a frente. Mas ainda não era; e então, como se os tivessem obrigado a estar ali, exclamavam uns para os outros: — Que estogada!

— Tambem o que me trouxe cá foi o carro enfeitado pelo Boddallo dizia este.

— Os ministros vêm todos? perguntava outro. E fardados?
E quando viram o carro singela e piosamente ornamentado, sem anjinhos, nem um chlo de perpetuas amarellas com o nome do morto em perpetuas roxas, soffreram grande desapontamento.

— Ah! bocejaram. E só isto?

— E os ministros d' *patissao* foi outra decepção. A Britinhas sempre esperava que, pelo menos, o general da divisio fosse com o seu estado maior, em que se incorporaria o Xavier com o seu cavallo castanho (que com a pata batia tres pancadas á porta — que engraçadinho!) com o seu capacete scintillante e a sua linda farda de cavallaria.

— Neminas desenganam-se, commentou a mamã, *feitas* sem tropa não prestam para nada!

— O' mamã! *No fim de contas* quem era este Queiroz? perguntou a Britinhas com uma pontinha de curiosidade.

— Olha, filha, para te fallar a verdade, eu não sei bem. Ouvi dizer que era homem de escripturas...

— Foi *reporter* do *Diario de Noticias*? esclareceu o papá com gravidade. Lembro-me perfeitamente... ha coisa de 30 annos... foi elle quem deu a noticia d'um tal *Mysterio da estrada de Cintra*...

— Ah! exclamaram as duas. E abainçaram a cabeça com certo respeito.

O povo não o lia, e mesmo que o lesse, não se sentiria commovido deante da sua obra, em que o sentimento é amolgado pela caricatura, em que o apelinamento é preoccupação, e de que o enthusiasmo não irrompe. Ha, certamente, bondade e singeleza de animo em algumas das suas personagens, que revelam a bondade e a singeleza de animo de quem as traçou, bondade manifestada em todos os actos da sua vida, singeleza de animo sempre latente sob a ironia, que julgava tal perder em valor e conceito, se a deixasse perceber; mas não era para a apothose d'estas duas qualidades que girava a sua obra. A revolução que o escriptor operou no romance não a perceberia o povo, nem se importaria com ella, a pujança da realisação da ideia por meio d' palavra tambem o não impressionaria, e o castigo de ridiculo que infligia a determinadas figuras da sociedade apenas o faria sorrir. E' velho, velhissimo, mas eternamente verdadeiro: o publico só pode ser sacudido pela lagrima ou pela gargalhada. Hoje já não se é a antiga, todos o sabemos, mas, sob nova fórma e novos processos, quer ainda a mesma cousa que queria, ha cincoenta annos, e que, d'aqui a cincoenta annos, ha de querer sob processos novos e novas fórmas.

Isto com o povo, que não o lia. Quanto ao grupo escolhido que sempre prestou culto ao seu talento, tambem elle em vida não o preparara de modo a que viesse a pranteal-o. Os politicos, desde diplomatas até ministros de servico interno, foram ridicularizados por elle. O *Oh! c'est grave, excessivement grave!* d' *Os Maizis*, as sentenças do *conselheiro Accacio* e as considerações do *conde de Ribandar* não caíram

em cesto rôto, como diz o vulgo: todos elles se sentiram picados. A fidalguia levou piparotes, e a burguezia rica, que enxertou n'aquelle, apañou pancada rija. As mulheres d'esse mesmo grupo tambem não se podiam enternecer evocando os typos que elle concebera; nenhuma das creações femininas de Eça procura sensibilizar, nenhuma d'ellas é infiltrada de doçura, de amor limpo de mancha, de casta dedicação. Só as peccadoras é que, á passagem do cadaver, podiam não sentir os olhos humedecidos, mas dispensar um sorriso para quem tão bem as conhecia.

Quem devia, pois, ter acompanhado o corpo de Eça de Queiroz ao cemiterio do Alto de S. João? Unica e exclusivamente homens de letras e artistas, afforá, é claro, pessoas de familia. Aquellas e estas é que o podiam chorar, e muito devotamente; é que podiam ir com a alma presa ao cadaver, e que, por terem comprehendido e apreciado o grandissimo valor da obra de Eça, sentiriam a dôr de não a poder elle continuar. As classes — que estão aptas para sentir a perda dos seus, quando a obra d'estes não é das que são comprehensivas, sentidas, conhecidas e apreciadas por toda a gente desde o primeiro até o ultimo cidadão. Se amanhã, por exemplo, morrer um notavel professor de portuguez, e o professorado de instrução secundaria se lembrar de querer associar a uma homenagem fúnebre a este seu collega a alta sociedade e o povo, toda a gente exclama: — Que disparate! E na verdade esse homem prestou sem duvida grande servico ao paiz. Quem o deve acompanhar, para que haja sentimento na manifestação? Os seus collegas e os seus discipulos. Ora com a homenagem fúnebre a Eça de Queiroz, que nunca foi popular, que não o quiz ser, que teve um campo restricto de admiradores e um campo restricto de servico ao seu paiz, commetter-se a elle igual ao que se commetteria com a homenagem ao professor de portuguez, se a quizessem tornar geral.

E vieram as observações e as considerações que deixei expostas para mostrar que da homenagem fúnebre a Eça de Queiroz, e que foi o principal acontecimento da quinzeana, se alheou o sentimento publico, e para demonstrar que não podia deixar de ter assim succedido. Foi uma ideia infeliz, e mesmo uma profanação.

Ha procissões que se fazem dentro das egrejas, ha outras que se fazem nas ruas. As das ruas devem levar andorras. A obra de Eça de Queiroz não as tinha; não se devia por isso ter saído do templo, onde em geral só vão os fideis.

Se o enterro de Eça de Queiroz foi o acontecimento principal da quinzeana, é que houve outros! concluiria o conselheiro Accacio. E concluiria muito bem, porque os houve. Tenho, porém, de tratal-os pela rama, já por occuparem o segundo plano, já porque escassia o espaço.

Incognito, atravessou algumas ruas de Lisboa, e foi metter-se no comboio, que o levou a Cascaes, para dar um abraço ao Senhor D. Carlos, o rei Leopoldo da Belgica. Sua Magestade subiu de carruagem a rua do Ouro, pouco mais ou menos á hora a que subia a rua Augusta o prestito fúnebre do auctor d' *O Primo Basilio*. Se o monarcha belga não reserva tlo rigoroso incognito, é o povo tem podido lo brigar um cabelo da sua barba, ou pelo menos suspetado a sua real presença, nem viv'a ella se teria visto na rua Augusta á passagem do prestito fúnebre. Um rei de carne e osso, vivo, á mexer e a fallar, e de mais a mais lá de fóra, attrae mais que um morto encerrado n'uma urna! E que bella occasião para o cercar... de cumprimentos, mesmo alli ao pé do ministerio do Reino, agora que o sr. presidente do conselho prohibiu os *tercos* ao rei! Era em cheio.

... *Duas diplomacias* com muito *bon succés*. O ministro da justiça deu á luz uma reforma do notariado, que lhe tem merecido muitos telegrammas de felicitações e multitudes de impressões.

O ministro da marinha tambem nos mimoseou com um decreto relativo á fazenda do ultramar, igualmente muito elogiado, porque é promettedor de consideravel economia. Apesar das duas creações terem vindo antes de tempo — só ha cerca de tres mezes está este governo no poder — passam de perfeitissima saude. O *Seculo* tem sido a ama da primeira, e o *Popular* da segunda.

O sr. ministro da guerra, esse deu-nos manobras do outono para exame de varios coronéis, que devem ascender brevemente ao generalato. Excellentes evoluções, esplendidas cargas, ataques de primeira ordem, retiradas bem cobertas, e no fim os generaes e estados maiores dos dois campos confraternizaram n'um bello almoço, presidido por el-rei, com que terminaram os exercicios. Firmou-se a paz, e as tropas regressaram aos seus quartéis, alegres e satisfaitas.

E digam que *não é bom brincar com fogo!*

Estreou-se a companhia equestre, gymnastica e acrobatica do Colyseu dos Recreios, e obteve exito firme. As outras casas de espectaculos andam em preparativos para a inauguração da proxima época. Aproxima-se o inverno, quer isto dizer. Do brazero das ruas, que o estio nos fornece, vamos passar para o brazero das salas, a que o inverno convida.

Coidados dos pobres! Acaba-lhes o seu S. Martinho, que a troçal-os, a folhinha festeja em novembro!

A ultima expedição para Moçambique



A' porta do Arsenal da Marinha



Dentro do Arsenal



A guarda de honra, caminho do Arsenal



As forças antes do embarque

Em outras epochas houve fanaticos e incredulos, agora a nossa tem os seus atheus devotos e os seus scepticos intolerantes.

G. M. VALTOUR

A vaidade profissional é mais forte nos comediantes que todos os outros sentimentos, incluindo o amor.

J. LEMAITRE.

O sonho é o domingo do pensamento.

H. AMIEL.

De quem dependem as reputações? Quasi sempre de quem a não tem.

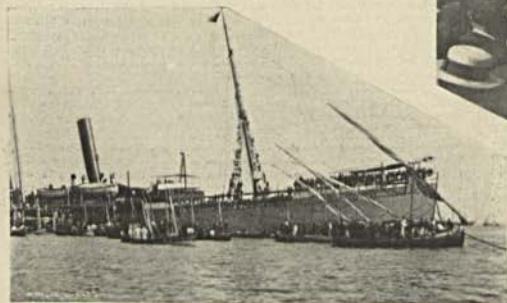
PRINCE DE LIOXE

A verdadeira coragem começa muitas vezes pelo medo.

P. J. STAHL.

Não é preciso muito dinheiro para ser feliz.

MAURICE DUNAY.



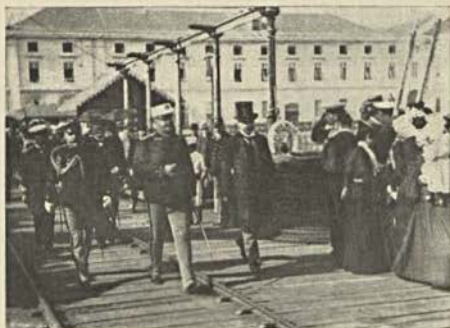
O vapor Zenguelia atracado á ponta do Arsenal recebendo as tropas expedicionarias



Forças embarcando

O casamento é uma empresa que promete inestimáveis beneficios, mas tem o seu caderno de encargos.

OCTAVIO FEUILLET.



El Rei no Arsenal, tendo á esquerda o Ministro da Marinha Dr. Teixeira de Souza e a direita o Ministro da Guerra General Plutarco Pinto

Buddhismo

Só quem teme o Não ser é que se assusta
Com teu vasto silencio mortuario,
Norte sem fim, espaço solitario,
Norte de Morte, tenebrosa e Augusta . . .

Eu não: minh'alma humilde mas robusta
Entra crente em teu atrio funerario;
Para os mais és um vacuo cinerario,
A mim sorri-me a tua face adusta.

A mim seduz-me a paz santa e inefavel,
E o silencio ideal do Inalteravel,
Que envolve o eterno amor no eterno lacto.

Talvez seja peccado procurar te
Mas não sonhar contigo e adorar-te,
Não ser, que é o ser unico absoluto.

ANTHÉRO DE QUENTAL.

Beatrice

Eu não sei quem tu és —mas não procuro
(Tal é minha confiança) devassal-o.
Basta sentir te ao pé de mim, no escuro,
Entre as fórmãs da noite, com quem falo.

Atravez do silencio frio e obscuro
Teus passos vou seguindo, e, sem abalo,
No cairrel dos abysmos do Futuro
Me inclino á tua voz para sondal-o.

Per ti me engolfo no nocturno mundo
Das visões da região innominada,
A vêr se fixo o teu olhar profundo . . .

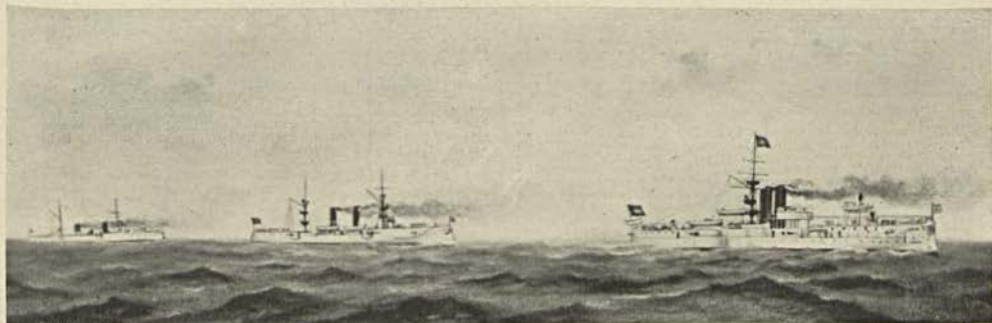
Fixal-o, comprehendel-o, basta uma hora,
Funerea Beatriz de mão gelada . . .
Mas unica Beatriz consoladora!



O vapor Bonquella faz-se no largo, navegando para a barra



Brasil



A esquadra brasileira que acompanha o snr. Presidente Campos Salles a Buenos Ayres

Esta gravura é reprodução de uma photographia feita do quadro do pintor de marinhas Carlos Balliester, representando a divisão branca que acompanha o illustre Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil. Figura o quadro os navios navegando no Oceano, em ordem de fila: á frente vai o couraçado *Riachuelo*, seguido pelo cruzador *Almirante Bessa* e torpedeiro *Tamoyo*.

Este quadro foi adquirido pelo snr. Campos Salles e acha-se instalado na Camara Presidencial, a bordo do *Biaçuelo*.
A partida da esquadra para Buenos-Ayres está marcada para os primeiros dias da segunda semana de outubro.

A missão de Boroma

II

Em setembro de 1886 chegou á missão o Padre Caimerman para nos ajudar nos nossos trabalhos; mas tendo então de ausentar-se de Tete o Padre Courtis, tive de o ir substituir na parochia de Tete ficando a missão de Boroma novamente entregue a um só Padre, o Padre Caimerman, e isto durante dois annos e meio.

Depois de concluída em 1887 a guerra contra o rebelde Chataira arrendou a missão ou antes o seu chefe alguns pequenos prazos libertados, na intenção de transferir-se para um d'elles a mesma missão. Esses prazos ficaram fieis e em ordem durante a seguinte guerra, fando-se os colonos na palavra dos Padres, o que foi um grande serviço politico por se evitar talvez o levantamento

irmãs para educação do sexo feminino tão importante n'esta provincia, e outros Padres e irmãos auxiliares.

A primeira necessidade era, depois de termos uma palhota provisoria para nossa habitação, a construção de uma capella para casa de Deus.

Em pouco tempo a febre entrou na nossa modesta habitação. A nossa casa de telha tinha sido dada ás irmãs; e nós outros em numero de onze habitavamos um grande barracão de duas salas, situado junto á margem do Zambeze.

Uma das irmãs morrera na viagem, outra chegou moribunda, e as restantes foram em pouco tempo atacadas de febres biliosas graves, mas escaparam todas tres. Na casa dos missionarios ainda a sorte era peor; morreram quatro irmãos successivamente; e os outros estiveram em perigo de vida com biliosas hematurias; chegando a receber os ultimos sacramentos excepto um. A missão tñha ficado reduzida á cinco Padres e dois irmãos auxiliares; mas



Um forno de cal

dos pretos d'esses prazos que certamente sem isso teriam adherido á causa do Mototora.

Os superiores não approvaram o plano da transferencia da missão por estar toda a missão muito individada especialmente em Grahamstown. No fim da guerra do Mototora o Padre Courtis tomou outra vez conta da parochia de Tete e voltei para Boroma, sendo o Padre Caimerman mandado á Europa pedir esmolas. Renovaram-se então em larga escala os exorcismos infernaes para expulsar-nos de Boroma, e é incrível tudo quanto padecemos durante o anno de 1890.

Os superiores cançados de tantas contrariedades chegaram a resolver fechar a missão da Zambesia inferior por não terem esperança alguma de exito enquanto os prazos não estivessem nas mãos do governo e sob sua administração.



Vista da outra banda — No tempo secco

D'este grande perigo salvou-nos a Divina Providencia escolhendo o sr. conselheiro Augusto de Castilho para nosso advogado junto do ministerio da marinha. Era S. Ex.^a o mais dedicado amigo que tinhamos na Europa — pelo menos em Lisboa — e foi á sua intervenção que devemos ter então obtido um subsidio pecuniario do governo e a administração e posse do proprio praso Boroma. Em vista de tão benéficas condições que assim despontavam rissonhas, retiraram os superiores a sua ordem de encerrar a missão. A missão de Boroma passou então desde 1890 a estar sob a jurisdicção dos Padres portuguezes da Companhia de Jesus em Lisboa; e o primeiro superior nomeado para ella foi o Padre Aloy.

Em consequencia dos tristissimos acontecimentos politicos que de perto se seguiram, foi em 1891 dividida a missão sendo a parte do Norte do Zambeze superior entregue a Padres inglezes, e ficando a Zambesia portugueza na anterior situação sujeita á prelazia de Moçambique e aos Padres portuguezes da casa de Lisboa.

Logo que o Padre Caimerman voltou da Europa trouxe algumas



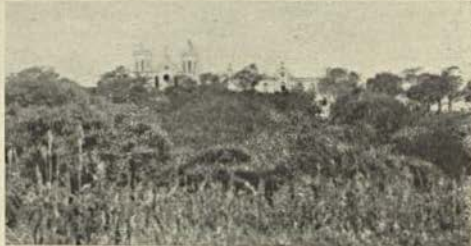
Irmão Loureiro Irmão carpinteiro Hoque
Padre Schel Deimas Padre Hillier Padre Moreira Padre Merlino
Sobrevivente da casa Protutor da missão Padre Vullers

depois de tão grave crise era necessario fundar-se a missão do Zumbo, e em Boroma tinhamos que proceder á edificação de nova habitação mais ampla e hygienica.

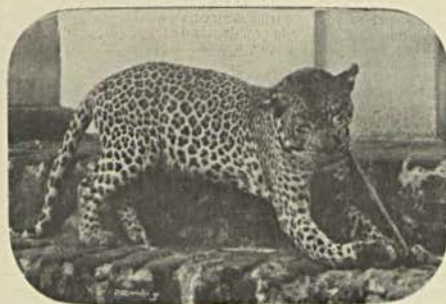
O Padre superior Caimerman escolheu para si a missão do Zumbo talvez por mais arriscada, e para ali partiu em 19 de janeiro de 1892, passando horribes inclemencias e acabando de morrer envenenado. As obras da evangelisação só podem pela santa cruz produzir seus fructos e prosperar.

Enquanto lá ao longe, no Zumbo se desenrolava esta medonha tragedia, estavamos nós em Boroma procedendo á construção da nossa nova casa de habitação, sem um mestre d'obras europeu quasi sem operarios, porque todos tinham fallecido e apenas com dois irmãos auxiliares, um que era pintor e outro que nenhum officio tinha.

Ensinámos os pretos a fazer tijolos e cal e mesmo a arte de carpinteiro e pedreiro. Ha por aqui alguns que as conhecem um pouco, mas sem direcção nada fazem capaz. Podemos afirmar que a construção d'esta casa custou tanto trabalho como custaria na Europa a construção d'uma villa inteira; foram dois annos completos, ficando inda assim muitas cousas ainda por acabar. O trabalho do pessoal indigena custou cerca de cinco contos; mas o nosso trabalho de direcção nem o podemos avaliar. Toda a despesa foi custeada com esmolas da Austria, e especialmente da Duqueza de S. Marco e tambem com as nossas economias pois que o governo nada tinha ainda pago do prometido subsidio até fins de 1895.



Vista da outra banda — No tempo das chuvas



Um tigre apanhado vivo na Missão

Tendo concluído a edificação, e depois da criminoso morte do pobre Padre Caimerman fomos mandados para o Zumbo com um irmão auxiliar. Já lá estava o jovem Padre Platzer recém-chegado da Europa e que ainda assistiu aos últimos momentos do desventurado e benemerito Padre Caimerman. Ali nos esperava um novo drama.

Um preto da missão fora accusado de ter morto um filho de um grande chefe do falecido Araujo Lobo; não havia provas, mas o dito chefe mandou por vingança matar todos os creados da missão. Dois foram massacrados cruelmente, um envenenado, e outro foi esperado com uma arma, mas teve avio e escondeu-se, fugindo para Boroma logo que pôde. Ameaçaram tambem de morte o Padre Platzer por ter baptisado o moribundo sem pedir licença ao pae. Foi n'este estado que encontrei as coisas no Zumbo.

Os homicidas, tres d'elles foram presos com a ajuda do sr. Pedro Lobo e com annuncia do sr. Bispo que alli chegara, e tinham que seguir para Moçambique e Angola. Mas depois de tres mezes de reclusão foram postos em liberdade, ficando então ainda mais hostis contra a missão. Todos nós tres fomos envenenados, fallecendo o irmão Wyger e o Padre Platzer; mas eu que tinha talvez ingerido menor quantidade de veneno fui salvo por ter tomado uma formidavel porção de calomelanos por nada mais ter á minha disposição. Foi a Providencia Divina que me salvou. Os pormenores d'essa horrivel tragedia levariam muito tempo a narrar.

Mandaram-me então um novo companheiro que era o celebre botanico Padre Menyharsh; e tendo encontrado uma melhor localidade para o estabelecimento da missão resolvemos transferi-la do lugar esteril em que estavam para ali.

Quando estava em meio d'esses trabalhos fui chamado a Boroma onde a minha presença era necessaria por causa de acontecimentos de difficil resolução. Parece que o inferno não queria facilmente deixar que arrancassemos do seu dominio estes povos infelizes que durante seculos estavam debaixo das suas garras.

N'esse anno de 1896 começou uma nova época em Boroma, vindo os grandes chefes das aldeias proximas pedir o baptismo; primariamente alguns e depois muitos outros seguindo-lhes o exemplo. Era necessario construir-se uma nova igreja, e logo comecei a preparar os materiaes. Mandaram-me tres irmãos auxiliares: um pe-



Um carro de bois

dreiro, um serralheiro e um carpinteiro; pintor já eu cá tinha. Eu mesmo procurei os materiaes, fazia tijolos, cal e procurava madeiras proprias no mato: e em dois annos conseguimos vêr levantada uma casa digna de Deus ou pelo menos tanto quanto podiamos, podendo dar aos gentios uma ideia da grandeza da nossa religião, e do Deus Nosso Senhor e creador, sendo esse edificio para assim dizer o fundamento da conversão da Zambesia. Pela vista se convence mais facilmente o homem do que pelo ouvido. Evidenciou-se isso logo no mesmo anno em que tivemos 316 baptisados enquanto nos anteriores não chegavam a 100!

E' difficil dizer ao certo quanto custou ao todo a edificação da nossa igreja, por termos tido em construção e ao mesmo tempo varias outras obras, e não ser possível descremir-se a quota parte relativa a cada uma. Entretanto não me tendo em linha de conta o meu trabalho como director e o dos irmãos, penso que terá custado proximo a 12 contos. Feita por administração das obras publicas do Estado nem com 30 se teria feito uma igreja assim.

Simultaneamente construímos um grande dormitório para 300 rapazes e um moinho d'agua que fluctua sobre o Zambeze, tendo eu que dar diariamente de comer a mais de 350 pessoas, e sendo a farinha de milho a base d'essa alimentação. A pequena machina a vapor que possuíamos tinha bastante que fazer para elevar a agua ao alto da collina a uma altura de 50^{ms} e para tanta gente, e não podia chegar para mover um moinho.

O moinho d'agua ou azenha que construí é de um systema diverso d'aquelles que existem nos grandes rios europeus, e faz optimo trabalho. Os pretos não cessam de admirar este monstro que para o seu trabalho reduz o Zambeze á condição de seu escravo submisso.

O lugar que escolhi para a nossa nova casa de habitação é perto da antiga residencia, mas não na serra Nhacindi; é do outro lado do riacho Mutatare, geralmente secco e tambem em uma elevaçãozinha.

Este outro é chamado Marena que é o nome de uma divindade catreal que, segundo elles, tem poder de vida e de morte sobre os animaes irracionais e os homens. Dentro da serra habita o espirito do antigo regulo Boroma que reinava aqui; era um lugar sagrado onde os pretos vinham fazer os seus sacrificios para pedir chuva, e a ninguém era permitido cortar uma arvore da serra, nem subir sem licença do feiticeiro que vigiava isso muito de perto. Contava elle que applicando-se o ovidio no chão se ouviam cantar os gallos do mizimo dentro da terra.

Quando começámos a edificação da igreja fugiu o feiticeiro espavorido annunciando que quando ella estivesse concluída a serra se abria e enguliria todo o edificio com os Padres. Os pretos hoje



Alumno encarregado do leite e queijaria



Casa da bomba a vapor, no pé da collina



O moinho flutuante sob o Zambeze

riem-se dos seus vaticínios impostores, e a casa, fortaleza de Deus, está muito segura.

Depois de concluída a igreja tornava-se urgente erguer sobre a mesma colina o estabelecimento das irmãs, casa, escola, dormitórios, etc. No começo dos trabalhos faleceu o irmão pedreiro, e o carpinteiro esteve também às portas da morte e teve que retirar-se. Fiquei eu então encarregado dos dois officios, e imagine-se o que teria sido o meu trabalho de dia e de noite tanto material como intellectual e espiritual. Era indispensavel acabar-se tudo antes que viessem as chuvas porque as casas velhas ameaçavam ruína, e as alumnas das irmãs dormiam muitas vezes ao ar livre com medo de um desmoronamento. Esse trabalho insano arruinou-me a saude porque a maior parte das vezes não podia dormir mais do que duas ou tres horas em cada noite.

P. JOÃO HOLLEK.



Galeria Brasileira

OS FINANCIEROS

Commendador Estevão José da Silva

II

O Banco Rural e Hypothecario é depois do Banco da Republica um dos mais importantes do Brasil sendo grande o numero de portuguezes que figuram na lista dos seus accionistas.

Ha mais de 25 annos que o commendador Estevão José da Silva o dirige como seu Presidente, sabendo sustentar, com raro tino administrativo, o grande credito de que goza

o Banco no Rio de Janeiro e nas demais Praças do Brasil e estrangeiras.

Nascido em Portugal o commendador Estevão da Silva foi muito novo para o Rio de Janeiro onde constituiu familia, uma das mais conceituadas entre a sociedade fluminense. É pois portuguez brasileiro. Portuguez pelo nascimento e pelo amor; brasileiro pelo coração e gratidão.



Não podendo ser considerado um novo gosa no emtanto, de vigor e lucidez de espirito que o tornam notavel entre os banqueiros brasileiros.

Os seus conhecimentos e pratica de negocios já foram aproveitados na alta administração do Paiz, sendo ouvido com vantagem por mais d'um ministro em situações financeiras bem difíceis.

É um portuguez que honrando sempre a sua patria honra o Brasil.



JOÃO SALGADO

Functionario consular muito distincto que grangeou grandes sympathias como consul portuguez na Bahia, recentemente nomeado consul geral de Portugal no Rio de Janeiro.

AS ANDORINHAS

«Na quadra dos romas e das florinhas,
Architectaram duas andorinhas
O estreito ninho no beirão florido
Da casa onde nasci.
N'esse cofre d'amores suspenso,
Que modelo de vida amena e pura,
De conforto, de paz e de ventura,
Meu Deus, havia ali!

Logo que amanhecia,
Elas partiam a um voar pastado,
Como noivos gentis de braço dado
A procurar o pão de cada dia;
E assim que o sol rolava o disco d'ouro
Para as bandeirolas do mar,
Antes que a lua erguesse o rosto loiro,
Logo que anoitecia, ellas voltavam;
E justas, a cantar,
No seu pequeno ninho penetravam.
E após doce murmúrio, que parece
Que a Deus dão graças a uma curta prece
Nos braços uma da outra repousavam.

Um dia eu vi sair com extranheza
Uma das andorinhas só. Voou
Silenciosamente,
Perdida na escuridão da devesa.
Foi-se a demora.
Ditando as negras asas de contente
Voltava, no biquinho sustentando
Pedacos d'algodão, de linho branco,
De tudo quando é leve.
E ainda no ar disperso!
Iam forar decerto o ninho breve
E transformal-o... em berço!

Durante a incubação é que era vel-a
Vir a andorinha por atenuada,
N'um continuo vas-tem.
Logo de madrugada
A buscar o alimento para ella.
Para a andorinha mãe.
Depois, partia em busca de jantar,
A'caça na floresta.
Se a oavia pipilar
Voltava logo diligente e lesta.
Que venturoso par!

Tiveram filhos: E foi a'esse ninho
De duas andorinhas, que eu vi bem,
Que eu soubo quanto amor, quanto carinho
E megra te hei chamado, o ninho mãe!
De beijos que harmonia,
Que doce hilaridade,
Na casa aérea, venturosa havia!
— Em tão pouco consistia a felicidade
Que um ninho é largo espaço para ella.

E n'esta solidão,
Em vão no amor buscando-a se esphacella
Meu pobre coração.
Ah! Se a ventura, a lób appetecida
— Meu coração não quer
E que não vê a flummar-lhe a vida
Em olhos de mulher's.

COSTA ALBERT.

TOUROS ILHEUS



Banderilheiro insulano Luiz Machado d'Avila
(Canario)

pelo tempo da invasão philippina, tendo um alto funcionario da epoca, que vivia no Castello de S. João Baptista em Angra, importado de terras hespanholas grande porção de gado bravo procedente de *ganaderias* salamanquinas, que aclimando-se, ali deixou a raça que ainda hoje existe e que não tendo degenerado produz touros de lide como poucas vezes se veem em praças do continente.

Não podemos affirmar se effectivamente as toureadas em Angra do Heroísmo, datam de ha 300 annos conquanto muitos affirmem tal, porque tambem auctores dos mais considerados dizem que as corridas de touros no continente principiam em 1100 quando o celebre cid campeador, D. Rodrigo Diaz de Vivar, que foi um dos primeiros lidadores da epoca, morreu em Madrid no anno de 1098!

Purtanto abandonaremos tempos antigos, e vamos descrever muito succintamente a evolução taumachica da Terceira nos ultimos annos.

Na praça velha da cidade d'Angra, hoje chamada da Restauração, existiu ha perto d'um seculo um praça de touros em que o *resonda*, por tal signal quadrado, era o proprio piso da praça publica.

Construiu-se outras praças em recinto fechado que se levantaram nos sitios de S. Sebastião e do Barreiro, mas que foram depois demolidas dando lugar à de S. João, que é circundada por uma muralha e que actualmente não tem bancadas sem trincheiras,—e à do Espirito Santo toda construída de madeira.

A de S. João crimos que foi construída em 1876, sendo desde então explorada pelo antigo empresario Matheus Bernardo da Silva, que apresentou ao publico d'Angra os melhores e mais aristocraticos cavalleiros amadores da Terceira, como são os srs. Antonio Borges Leal Corte Real, Egas Meniz Barreto Corte Real, Francisco Moniz Barreto Corte Real, Matheus José da Rosa, José Dias da Fonseca, Thomé de Castro, João de Lemos Bettencourt, André Eloy de Ornellas Bruges (Praia da Victoria), Fernando Coelho Rocha e Francisco da Silva.

O numero de espadas é que foi muito resumido em confronto com os muitos artistas d'este genero que apresentou a commissão recente da empresa da praça de touros do Espirito Santo inaugurada em 1891, que ate ao dia 23 de agosto proximo passado em que aquelle circo foi devorado por um incendio, chamou para abrilhantar os seus espectaculos os matadores de touros Gabriel Lopes (Moleto) e Francisco Gonzalez (Fico), e os estioqueadores de novillos José Ruiz (Jovillo), (Estremêho), (Chispa), (Lobito), José Martinez Galindo (Scurilo), (Niño), (Pechupa), Juan Ripell, Juan Pedro (Estros), (Loquillo), e (Aguilarillo) alem d'uma infinidad de banderilheiros hespanhoes componentes das respectivas quadrillas.

Nestas corridas tomaram parte activa os banderilheiros da terra, amadores e de profusão; alguns dos melhores cavalleiros amadores e o insigne artista Fernando de Oliveira, cujo trabalho correcto e fino, constituiu um acontecimento para os angrenses.

Os terreirencos são, como já dissemos *aficionadas* entendidos, e, n'isto como em tudo que de perto lhes toca, excellentes patriotas.

Nesta conformidade cinco dos mais entusiastas amadores do toureio em praça — porque ali tambem ha as corridas de touros à corda — combinaram entre si o trazerem a Lisboa 6 rezes das mais bonitas e de melhor apparencia para serem lidadas aqui, na praça de Alges, em 30 de setembro, pelos nossos melhores artistas que n'aquelle tarde foram acompanhados pelo celebre banderilheiro insulano Luiz Machado d'Avila (Canario).

E' justo dizer-se que este artista não se pôde considerar um profissional da força do ex-matador *Guerrilla*, porque nem mata touros nem é geral no manejo do capote e da muleta; mas é quasi um *Armillia* porque empunha as banderilhas com *donaire coartecado*, *suspando* ou *quebrando*, com a desenvoltura e confiança que lhe provem das suas excepcionaes facultades de lidador robusto e infatigavel.

Na *breja* é tambem um peão de raras qualidades muito aproveitavel para o bom exito da lide.

Tivemos pois um espectáculo taumachico digno da commissão que o promoveu, que era composta dos srs. Francisco de Paula Moniz Barreto, Jacome de Bruges (Praia da Victoria), Gregorio Carlos Sanchez Franco, João Francisco da Costa e Matheus José da Rosa.

Estes srs. não se pouparam a despezas para que a funcção se tornasse quanto passivel atrahente, e por isso são dignos dos maiores elogios visto que, tornando conhecidas as boas qualidades dos touros ilheus, poderam com a sua patriótica iniciativa proporcionar o ensejo de que os empresarios do continente importem as rezes da Terceira, o que será um novo elemento de riqueza para aquella bonita ilha.

E. d'A.



Um touro ilheo



Quatro touros

BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão
 Texto e capa: Companhia Nacional Editores
 Largo do Condé Barão, 30
 Páginas supplementares: Off.º Escrivão Nunes & F.º
 Rua d'Assumpção, 18 e 24
 Romance: Typographia Castanheira
 Calçada de S. Francisco, 13

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores
 Augusto de Castilho, Jayme Victor, Lorjô Tavares
 Editor
 Luiz Antonio Sanchez
 Redacção e administração—Rua Ivens, 35
 Lisboa
 Endereço telegraphico—BRATUGAL

ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO	
Anno.....	12\$000	Anno.....	6\$000	12\$000
Numero avulso.....	1\$500	6 mezes.....	3\$500	4\$500
		3 mezes.....	2\$000	4\$500
		Numero avulso.....	3\$500	5\$000

SUMMARIO

O preto de Ceylão.
 Chronica electrica—Brasil-Portugal.
 Um encontro em Paris—Consiglieri Pedrosa.
 O funeral da Eça de Queiroz—O Inverno em Londres.
 —Eça de Queiroz.
 Os filhos do sr. conselheiro Camello Lampraia.
 A festa na noite de 27 de agosto de 1900, promovida pelos estudantes de direito do Gabinete Portuguez de Leitura, em homenagem a Eça de Queiroz (croquis de Alfredo Cândido).
 Notas da quinzena—Eduardo Schwabach.
 A ultima expedicao do Moçambique.
 Pensamentos.
 Dois sonetos de Antero de Gouveia.
 A esquadra brasileira, que acompanha o Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil a Buenos-Ayres.
 A primeira formiga—Wenceslao de Moraes.
 A missao de Boroma—O Padre João Hiller.
 Galeria Brasileira—Os Financeiros—Commandador Estevão José da Silva.
 João Balgado.
 As andorinhas—Costa Alegre.
 Touros ilheus—E. d'A.

Páginas supplementares

Alvaro Pinheiro Chagas.
 Xavier de Carvalho.
 Photographia Americana.
 Silveira de Lorena.
 O nosso n.º 36.
 Evoluções e pensamentos.
 Sciencia Focli.
 Carta da Quinzena.

42 ILLUSTRAÇÕES

ALVARO PINHEIRO CHAGAS

Este nosso prezado amigo e collega, que ha mezes partiu para o Brazil a tratar de negocios d'esta Revista, encontra-se actualmente no Pará felizmente de perfeita saúde.

XAVIER DE CARVALHO

Este illustre jornalista, que reside em Paris, é o unico correspondente do BRASIL-PORTUGAL na capital franceza.

PHOTOGRAPHIA AMERICANA

Os proprietarios d'este atelier, de dos mais vastos e dos mais distinctos do Rio de Janeiro, os srs. J. Mendes & C.º, são os photographos officias da nossa Revista.

São d'elles os clichés das gravuras que temos dado em diferentes numeros, referentes a acontecimentos do Brazil, especialmente todos os das festas do 4.º centenario do Brasil.

SILVEIRA DE LORENA

Para Moçambique parte em breves dias o nosso amigo o sr. D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorena, 1.º escripturario de fazenda de aquella provincia, funcionario distincto e intelligente, que certamente continuará em Africa a merecer as sympathias dos seus collegas e dos seus superiores.

O sr. Lorena será n'aquella provincia o correspondente do Brasil-Portugal.

O NOSSO N.º 36

Os jornaes de S. Paulo (Brasil) referem-se li-songeiramente ao n.º 36 do Brasil-Portugal.

Escrive o Estado de S. Paulo:

«Recebemos o n.º 36 do 2.º anno do Brasil-Portugal, revista illustrada, que se publica em Lisboa sob a direcção dos srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares, que actualmente está em S. Paulo em serviço de propaganda do seu excellente quinzenario.

O numero do Brasil-Portugal que temos á vista, mostra que a sua direcção continúa a esforçar-se por melhorar a bella Revista, que, de numero para numero, mais interessante se apresenta.

O n.º 36, que é, como todos os antecedentes, impresso em magnifico papel, traz o seguinte summario:

«Costumes chinezes. Illustrações de Shiry (americano);—Chronica electrica. O Brasil-Portugal;—Os acontecimentos da China: A imperatriz da China; Principe Hung; Muralha de Pekim; O barão de Kettler; Templo de Budha; Costumes chinezes; Scenas da guerra; Exercicios militares em Tancos; Camello Lampraia; A' saída das Côrtes portuguezas (Instantaneas); Os leaders regeneradores; Notas da quinzena; A marquezia de Monfalin; Alfredo de Mesquita; João de Castro Lopes; Porto; O theatro Aguiar d'Ouro; A nave central do Palacio de Crystal; Fragmentos de um diario de viagem, Consiglieri Pedrosa; Sonetos, Antonio Corrêa de Oliveira;

O principe de Joinville; Quarto Centenario do Brasil; Visita do general Francisco Maria da Cunha ao Collegio Militar; O ninho de rouxinoes; Conto mudo; Desenhos de Joaquim Costa; Páginas supplementares.

Pelo summario transcripto pôde o leitor avaliar quanto está interessante o Brasil-Portugal, cuja empresa, tendo em vista a acceitação franca obtida por este quinzenario do Brasil, promette offerecer aos seus assignantes, a começar do proximo numero, paginas soltas, impressas a côres, em papel cartonado, de modo a ser emoldurada ou reunida, formando um album de tipos, pagagens e costumes portuguezes, executados pelos melhores artistas de Portugal.»

(29 de agosto de 1900).

Diz o Commercio de S. Paulo:

«Temos sobre a nossa banca de trabalho o n.º 63 do Brasil-Portugal, esplendida revista quinzenal que se publica em Lisboa, sob a habil direcção dos srs. Augusto de Castilho, Jayme Victor e Lorjô Tavares.

De todas as revistas contemporaneas, o Brasil-Portugal é, sem duvida, a que pôde figurar na nossa estante de honra.

Para se poder avaliar o que é o presente numero, damos em seguida o summario:

Chronica electrica. Os acontecimentos da China, com desenhos. Notas da quinzena, por Augusto Mesquita; Fragmentos de um diario de viagem, por Z. Consiglieri Pedrosa; Sonetos, por Antonio Corrêa de Oliveira. O principe de Joinville. O ninho de rouxinoes, por Théophile Gautier, e uma descripção do banquete offerecido no Rio de Janeiro ao sr. conselheiro Camello Lampraia, acompanhado de desenhos.

Em propaganda d'esta importante Revista, encontra-se n'esta capital o nosso illustre collega sr. Lorjô Tavares, a quem desejamos bom resultado na missao de que está encarregado.

O Brasil-Portugal é uma Revista que todos devem assignar, por ser uma das mais completas no seu genero.»

(2 de setembro de 1900).

«As pessoas verdadeiramente boas nunca abusam da generosidade.

Um verdadeiro escultor pôde fazer uma obra prima do busto d'um concuda.

roovem os preciosos vinhos
 e Adriano Ramos Pinto

SCIENCIA FACIL

Reproduzimos hoje novamente este artigo, por-se sahio no n.º 40 com a gravura trocada.

O phosphoro

Por meio do phosphoro podem-se executar um grande numero de experiencias chemicas. Já algumas foram descritas n'esta secção; vamos hoje descrever mais algumas.

Desenham-se n'uma parede ou mandam-se fazer dois bonecos; fixa-se, na bocca de um d'elles, um pequeno fragmento de phosphoro e na do outro uma pouca de polvora.

Em seguida, diz-se aos espectadores que um d'estes bonecos pode apagar uma vella, e que o outro ao contrario tem a propriedade de a acender. Para demonstrar a verdade da asserção apresenta-se a vella accessa deante da bocca do boneco da polvora; esta faz explosão e a vella apaga-se; apresentando-se a mecha ainda quente ao outro boneco o phosphoro inflama-se e acende a vella.

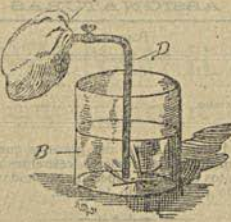
Pode-se variar esta experiencia introduzindo no pavio d'uma vella um fragmento de phosphoro. Tocando o pavio da vella com a ponta d'uma espada previamente aquecida acende-se a vella. Se se acende um fragmento de phosphoro e se se introduz n'um frasco cheio de oxygeno,

vê-se esse phosphoro arder com grande brilho produzindo fumo branco solavel em agua.

Se em vez de oxygeno for chloro o que nós tivermos no frasco, o phosphoro inflamar-se-ha espontaneamente.

Também arde muito bem no protóxido de azote e ainda debaixo de agua.

Para isto colloca-se o phosphoro (a) n'um vaso com agua (b) e faz-se chegar até elle o oxygeno contido em uma bexiga (c) por meio d'um tubo (d). Vê-se então relampagos brilhantes sulcar o liquido ao mesmo tempo que se forma phosphoro vermelho.



Dissolvendo um pouco de phosphoro em sulfureto de carbonéo, e introduzindo um papel na

solução este inflamar-se-ha logo que o sulfureto de carbonéo se evaporar.

Collocando n' um fundo de um copo com agua phosphoro, chlorato de potassa, em quantidade superior á que a agua pode dissolver e fazendo chegar ao fundo do copo por meio de um funil um pouco de acido sulfurico vê-se produzir uma viva reacção e ao mesmo tempo que factos luminosos percorrem o liquido em todas as direcções; esta experiencia deve ser feita com bastante cuidado a fim de evitar projecções de liquido.

ORAVAL.

Um bom retrato é uma biographia pintada.

No mercado de peixe:

Diga-me, mulhersinha, quanto custa este eiró?

— Dois tostões.

— E' muito caro! Se ainda ao menos estivesse fresca...

— Ora essa! Se ella ainda está viva!

— Isso não é razão. Também você está viva e já não é nada fresca.

O ideal é um modelo que a gente traz consigo e que nunca se cança de copiar, desapepar do de reproduzir.

O CARTAZ DA QUINZENA

THEATRO DE D. MARIA
PERALTA SECUNDARIA

Com os ultimos arrancos do outomno, começa o movimento theatral.

Trindade.— Continúa dando todas as noites *A volta do mundo em 80 dias*.

Gymnasto.— Abre hoje a sua época de inverno, fazendo *reprise* da engraçada comedia *O Salta-pocinhas*, que os leitores da Revista conhecem já por varias scenas aqui reproduzidas em gravura.

D. Amélia.— A assignatura para as primeiras representações da companhia dramatica de Rosas & Brazão abre no dia 3.

THEATRO O. AMELIA

Avenida.— Sousa Bastos, que vai dirigir este theatro, prepara já o seu repertorio. Além de duas novas peças, *A boneca e Pompon*, dará a *Perichole*, o *Barba azul*, a *Grã-duquesa*, o *Bocacão*, o *Giroflé-Giroflá*, a *Viagem de Suzette* e muitas outras operetas, entre as melhores do repertorio antigo e moderno do theatro francez.

Colysen dos Recreios.— Enganoso e redondamente quem supoz que, no que diz respeito a companhias equestres, gymnasticas, acrobaticas e comicas, estava dada á ultima palavra. Antonio Santos Junior encarregou-se mais uma vez de provar o contrario.

Com a sua vara magica de empresario, com o seu fino tacto de director emerito, consagrado entre os que se blasonam de ser na especialidade os *non plus ultra*, elle só, viajando, percorrendo cidades, entrando em todos os circos e *folies-bérgères*, vendo, confrontando, separando o joio ao trigo, escolhendo, assentando enfim o dedo infallivel, elle só, conseguiu trazer a Lisboa novidades para nós em primeira mão, figuras inconfundiveis de artistas como aquelle excentrico buffo Belling, o *clown* elegante, inglez da mais pura gema, engraçado e vivo como um *clown* meridional, tendo a facultade de nos fazer rir ás gargalhadas sem perder a linha inflexivel da sua raça! Só o Santos seria capaz de trazer a Lisboa, n'estes calamitosos tempos de mais calamitosos agios, aquelle outro impagavel Sarrazani com a sua *ménagerie* de cães e de macacos, que são todas as noites a *great attraction* do vasto circo das Portas de Santo Antão, sempre cheio como um ovo.

Longe seria a enumeração a fazer se quizessemos citar todos os encantos que n'um *crepusculo* de noite para noite attrahem Lisboa inteira ao Colysen dos Recreios. Assim, apenas de passagem, citaremos a *troupe* Queirolo, acrobatas argentinos, a *troupe* Idals, no seu excentrico e novo exercicio choreographico, os *clowns* Brossa e Seifert, nos seus originaes e desopilantes intermedios comicos, os elegantes malabaristas Arazós, o *ti o* Onillau nos seus exercicios acrobaticos dentados, os sobarbotos Allesson nos seus jogos olympicos, os quatro athletas equilibristas Cliftons, Les Aradis, nas suas phantasias dancantes, a *desert* volta e graciosa *écuyère* Miss Jansen, os *Zoos* no seu novissimo trabalho do trapezio volante, e, finalmente, essa arrojada condessa X, que faz de leões selvagens, cuja ferocidade affronta a doma, bebês timidos e inoffensivos!

Tal é o conjunto de atrações que com todas as noites Antonio Santos — o unico — desopila o figado da mysantropica e mazomba Lisboa.

Fabrica de Capsulas de S. Pajo
VILLA NOVA DE GAYÁ
Preços de capsulas para garrafas:

15 m./m.	1800 reis por 1/11
30	1800
35	1800
38	1800

para encomendas não inferiores a \$8000 reis.

Representantes na PORTO
JULIANO M. PEREIRA
45, Travessa da Carvallosa, 56



ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil, Africa e Provincias do Continente

Sempre as ultimas novidades

RUA DO ALECRIM 111, 1.

LISBOA

Tem sempre em deposito grande e variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.



VINHOS VELHOS
LEGITIMOS DO PORTO
Premiados nas exposições
1872, 1876, 1880, 1884 e Paris 1889 e 1893
ANTIGA CASA

PORTO João Eduardo dos Santos
REGISTRADA FUNDADA EM 1845

MARCA DE COMMERCO Os vinhos com o nome de minha casa só devem ser considerados genuínos e autenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

À VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto

AGENCIA CENTRAL

DE

JOSÉ LOPES PEREIRA

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geraes e do Estado, terrenos, accões de Bancos e Companhias, Cambios, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

à Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 346

Castro Matta & Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignações

Especialidade em vinhos e azeites
Portuguezes

RUA TELEGR. AIDA.

C. do Corralo 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ

ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Publicada em 1.º volume. Preço em todo o Brasil (moeda brasileira) lre. 25000 700, enc. 40000 700. Assinaturas permanentes. — Publicação de uma cadeira mensal no preço de 25000 réis franco de porte.

EDITORES: LEMOS & C. successores
Largo de S. Domingos, 65. — PORTO
AGENTES NA RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C. — Rua da Quitanda, 38
Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim
CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Leito da Escola Real-Corregio da Praia
Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Antunes de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. L. Ferreira da Silva, D. Actanio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carqueia, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Eduardo Sequeira, Ernesto Mala, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Cid, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Paris, Jayme Filinto, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambeas, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portela, dr. Roberto Fria, Simas Machado, Theophilus Braga, Valentin de Magalhães, cons. Venencios de Lima.

AGUAS DE CARABANA

PURGATIVAS SEM HONOR, DEPURATIVAS, ANTI-DIARRHOICAS, ANTI-HEPATICAS E ANTI-ESCROFULICAS

12 MEDALHAS D'OURO E 10 DIPLOMAS D'HONRA

Todas as garrafas heitas são estilladas com a brida de ouro de primeira classe.

À VENDA EM TODAS AS PHARMACIAS.
Depositar: RIBEIRO DA COSTA & C.
150, Rua do Arsenal, 152 — LISBOA



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA. — O Sr. de Rua Nova do Almada tem sempre grande sortimento de chapéus para sol ou chuva, em todas as qualidades, assim como bengalas, lentes, pernillos e artigos de modinha. Sua casa é a primeira no seu genero e seu servir bom e por pouco dinheiro.

Machos viajantes deve deixar de visitar este estabelecimento em Lisboa.

Livros e alfabetos PEREIRA & SILVA
PARÁ — R. Cruz. José Alfrede, 23

Letras e alfabetos

Sortimento completo de livros de litteratura, direito, instrucção, etc.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Endereço telegraphico Moderna.

LA UNION Y EL PENIN ESPAÑOL

Capital social 2.000.000.000 rs.
13.600.000.000 R\$12
De minimo pago desde 1864 até 1895
PRIMEIROS REVENHOS 18.000.000
Seguros contra incêndios, exploração de que
minas, etc.

Agente Alfrédio & Unice Harrington

Companhia de Seguros contra incêndios e roubo de bens
e de frotas de transportes de qualquer natureza.
Direccção — José Augusto P. Filho.
LISBOA — Rua de S. Paulo, 80, 81.



As mais indicadas de Portugal

Uso interno — Espondilias, gota, reumatismo articular, diabetes, etc.
Uso externo — Riquemadismo, gota, sciatica, doença a uterinas, etc.

HOTEIS E CASINO

Instalações as mais confortáveis e completas de Portugal

ESTABELECIMENTO ABRE EM 15 DE MAIO E FECHA EM 15 DE OUTUBRO

Correspondência:
GERENTE — CUCOS
TORRES VEDRAS

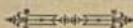
HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

1, Rua das Flores — Largo de Quilóbia

Este hotel, situado no ponto mais central da cidade, oferece todos os confortos de uma casa de primeira ordem.

PSYCHOLOGIA DO CHAPEU



«O estylo é o homem! — Dizia Buffon, um Sabio de tom... Está provado, hoje em dia Que era um erro de Buffon!

Um erro! um erro profundo, Digno de eterno labéu: Pois sabe hoje todo o mundo Que eo homem... é o chapéu!

Acreditem! não respinguem! E a Sciencia que o diz: Pelos chapéus se distinguem Os genios e os imbecis!

Quando se encontra um sujeito. Com um chapéu de forma vil, Amarratado e mal feito, Diz-se logo: «Que imbecil!

A Sciencia não vos engana... Tereis um chapéu ideal, Comprando-o na Americana Do Carvalho Portugal!

Mas quando alguém apparece Trazendo no cranéo, ao sol, Um chapéu que resplandecce, Que brilha como um pharol,

Um chapéu limpo, correcto, Que attrahe e seduz o olhar, Com o seu encanto secreto, Com a sua forma sem par,

— Admirando e cavalheiro, Diz a gente: «Sim, senhor! Ou é um grande banqueiro, Ou é um grande escriptor!»

Pois bem! queres ter talento, Dominar a terra e o céo Com vóo do Pensamento? Quereis ter um bom chapéu?

CHAPELARIA

AMERICANA

133 — RUA DO OUVIDOR — 133

Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

Montenegro Ferreira & C.º

Successores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.º

Fundada em 1830, e que tem a sua séde no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANAOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

Só os vinhedos de Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrac o **Vinho Ventura**, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas convalescencias, nas digestões difficis, enfraquecimentos, etc.

Como tónico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações

HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispondo de 80 quartos independentes, com janellas muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a instalar-se no

HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico **MABEIBQ**

Regulador da Madre, Beirão

Approved pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

Para doenças proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellentie calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem ou acompanham os periodos mensaes.

DEPOSITO

DROGARIA BEIRÃO

DE

CARVALHO LEITE & C.º

103 — Rua do Conselheiro João Alfredo — 103

PARÁ

COMPAGNIE
des Messageries Maritimes
Paquebots post français
LIGNA TRANSATLANTICA



Para Dabur, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

Para passageiros de 3.^a classe tratado com José António dos Santos & C.^a, 4, Praça dos Restauradores.

Para carga, passageiros e todas as informações, trata-se na agência da Companhia, Rua Aurora, 52.

Para Companhia das Messageries Maritimes.
Bot. Terceiras.

VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.^{os}

Porto



Casa fundada

em

1872

R. Pinto Santos Junior & Comp.^a

Pré miada com os primeiros em todas as exposições.

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO & C.^a - Rua de S. Paulo, 216, 2.^a - LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 823

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do paiz em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

JOÃO BASTOS & C.^{TA}
COMISSOES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA - Rua da Prata, 14, 1.^a

Ao Bazar da Industria

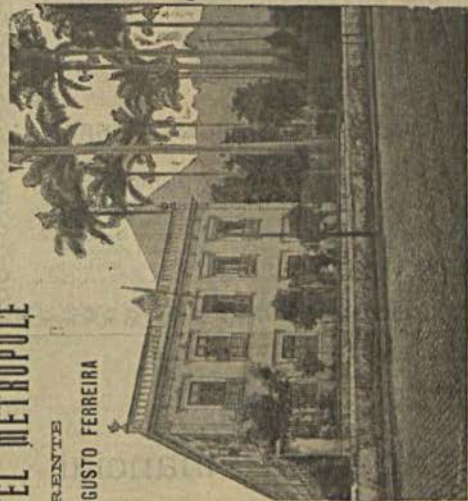
TAVEIRA BARBOZA & C.^aL. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 - Caixa Postal n.^o 487 - BRASIL - PARÁ

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papeterias, livros em branco, chapas, harmonicas, cordas para violão, teclado, Caixa de musica, Roupa feita, portmanteaus, brinquedos. Camisa de viagem, bilboetes, artigos para presentes.

GRAND RAYON DE BIJOUXES

O systema de vender tudo com pouco lucro é absoluto no Bazar da Industria.

Vendas por atacado e a retalho



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

O MAIOR da Capital construído de accordo com o clima do paiz e situação das faldas do Covado.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

-RUE DE CARREIRO

PROVAE OS DELICIOSOS

VINHOS DO PORTO

DE

Constantino d'Almeida



LA BÉCARRE

F. CARNEIRO & C.^a

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papéis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertencem de escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 - LISBOA.

INFALLIBLE - INOFFENSIVO - AGRADAVEL

AS PURGAÇÕES

E O Seu Especifico **BLENOL** Blennorrhida

GUERRA AS INJECCOES E AS CAPSULAS

O BLENOL é um verdadeiro especifico das doenças das vias urinarias, não apenas em seu principio, e o unico que gera a sua accção sem produzir os mais perniciosos resultados que se tem observado em outros medicamentos de similhante natureza. Cada jedna das Indicações e Condições por suas accções e de qualqueres especie. E mais por a todas as preparações do medicamento, de regulares em 10 cubitos, porque é infallivel, sem effectos no fimo nem a hectica e não emittida. E a unica remediação contra as Blennorrhagias, Gonorrhagias, Estreitamentos, Catarrhos da bexiga, etc. etc.

DOENÇAS DAS SENHORAS

A Leucorrhoea (Branco) e Metrite chronica (Inflammasão da Uterina), e Catarrho da bexiga - Fazerio catarrho de utero ou de vagina. Indicações e Condições do medicamento, por suas accções e de qualqueres especie. E mais por a todas as preparações do medicamento, de regulares em 10 cubitos, porque é infallivel, sem effectos no fimo nem a hectica e não emittida. E a unica remediação contra as Blennorrhagias, Gonorrhagias, Estreitamentos, Catarrhos da bexiga, etc. etc.

INSTRUCCOES DO PORTUGUEZ, FRANCISCO, E...

USO INTERNO E EXTERNO

USO INTERNO E EXTERNO

Manteiga Burnay

Áviso aos entendedores e ás donas de casas



Para fazer Boa Cozinha

É preciso
boa manteiga pura

USE

A Manteiga Burnay

Á venda
em todas as princi-
pales mercadorias
de Lisboa

AGENTE GERAL

JOÃO BASTOS JUNIOR

285, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.^a — R. da Prata, 282 a 288, Lisboa.
Jeronymo Martins & F.^o — R. Garrett, 13 e 15, Lisboa.
José Affonso Vianna & C.^a — Largo Camões, 33 e 34, Lisboa.
R. D. de Campos — R. da Prata, 187 a 191, Lisboa.
Alves Diniz, Irmãos & C.^a — R. S. Julião, 92 a 106, Lisboa.
Seb. Corrêa Saraiva Lima — R. de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.



Agencia Financial

DE

PORTUGAL

R. da General Camara — RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza; fundada e amortizavel nos termos da legislação vigente, e bem assim a emissão de

Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO THESOURO PORTUGUEZ) em todas as capitães de districto e sédes dos concehlos do reino e ilhas adjacentes.

O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.

VIUVA WENCESLAU GUIMARAES & C.^a

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas
Wenceslau Rio

Caixa do correio
N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO

A Formosa Paraense



Estabelecimento de mo-
des e modistas, com

Importação

directa dos mercados eu-
ropeus.

Fundada em 1864

Corrêa Miranda & C.^a

R. Conde João Alfredo, 67

PARÁ

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações prediaes a longo prazo — puro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2, de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 3 1/2 e commissão de 1/2 1/2 de 1 a 3 annos. Depósitos: accetam-se a prazo ou á ordem, vencendo 2 1/2, á ordem e 3 1/2, ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2, ao anno. Propriedades: a Companhia tem muitas propriedades no reino e nas ilhas que vende a prompto ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está installada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.

NUNES & NUNES Cambios e Papéis de Credito

ENDERÇO TELEGRAPHICO: DOISNUNES

95, RUA DO OURO, 97 — LISBOA

GARANTIA DA AMAZONIA

SOCIEDADE DE SEGUROS MUTUOS SOBRE A VIDA

Estado financeiro em 1 de Janeiro de 1900

Propostas recebidas para seguro até esta data... 70.263:000\$000

Seguros realizados em vigor.....	50.297:000\$000	↑	Reserva de re-seguro	2.001:265\$577
Novos seguros propostos em 1899	24.451:000\$000		Sobras-Garantia supplementar	491:282\$504
Seguros aceites em 1899	20.895:000\$000	↓	Valor actual sobre o valor nominal de títulos e predios que possui.....	200:000\$000
Propostas para seguros recusadas em 1899	3.556:000\$000		Sinistros pagos até esta data.....	1.028:000\$000
Renda em 1899	3.428:948\$128			

CONCLUINDO O SEU PARECER, DISSE O CONSELHO FISCAL:

“Estes algarismos que definem perfeitamente os factos que acabamos de frisar, fallam talvez mais alto e mais eloquentemente em abono da correccção, zelo e criterio com que a sociedade foi administrada do que qualquer outro encemio que aqui registraríamos.



E, referindo-se ao pagamento de sinistros, o Presidente chamou a attenção para o facto de que:

“Nenhuma reclamação dividamente feita estava por satisfazer na data em que se fechou o balanço”.

Sociedade de Seguros Mutuos Sobre a Vida

✽ GARANTIA DA AMAZONIA ✽

Faz mais negocio, tem mais seguros em vigor, tem os seus capitães mais bem empregados, possui maiores reservas e realiza maiores sobras annualmente do que qualquer companhia do mesmo genero.

Séde social

BELEM DO PARÁ-BRAZIL

JOSE SILVA & C.^A

Casa fundada em 1879

PREMIADA EM TODAS
AS EXPOSIÇÕES



CASA FILIAL

Rua Florencio d'Abreu, 34

S. PAULO



Casa matriz e fabrica

RUA DA QUITANDA, 123 A

R. de S. Pedro

31, 32 e 42

RIO DE JANEIRO



Casa matriz—RIO

Unico estabelecimento
no Rio de Janeiro com oficinas
para fabrico
de arreios de qualquer qualidade



COUROS, ARREIOS E ARTIGOS
PARA VIAGEM



Importação de couros,
e de todos
os artigos para selleiros,
correeiros, segeiros
e sapateiros



Casa filial—S. PAULO